

## Oceano possível – Sara Ramo

Entre baldes e bacias com água, vemos a artista Sara Ramo, sentada, nua, de costas. Ramo rema em um oceano (im)possível com colher de pau. Depois banha-se com a água da caneca e uma esponja. Sara bebe água. Um mar de possibilidades ofertadas pelo mar construído de objetos cotidianos. O ruído do rádio acentua o dia, em seu rumor dissonante e inóspito, que parece se estender nas ações secas da artista, ao mesmo tempo em que nos recorda o murmúrio do oceano. A profusão de formas e cores dos recipientes contendo água nos faz lembrar também a figuração do banho ao longo da história da arte, em particular o improvisado e o instantâneo na obra de Degas, que fotografa e colore, em seus pastéis, banhos nunca vistos antes, revelando posições inesperadas, distantes das imagens posadas da arte antes do moderno, onde a mulher ideal resplandecia. Como não pensar, também, em Ulysses, explorador de si, resistindo ao canto das sereias? Ou em Fernando Pessoa? Pois, se navegar (transformar a vida em linguagem) é preciso (enquanto viver não é preciso), a navegação (leitura das estrelas) é uma arte de precisão, enquanto a vida é inteiramente imprecisa, incerta, solitária e vulnerável como o corpo nu da artista navegando em seu banheiro. O vídeo é construído em plano-sequência, o que acentua o prolongamento de um universo a outro, ou seja, a continuidade entre oceanos possíveis, desde o poético remar em baldes até o mais trivial dos banhos, em ação una. O que vemos e o que dura é o mesmo quadro, mas com distintas ações que apontam para a infinidade de oceanos. Aqui a obra de Sara Ramo encontra ressonância nos vídeos dos pioneiros da videoarte brasileira que, nos anos 1970, reunidos principalmente no Rio de Janeiro, criaram um repertório de obras que se irmanavam pela gramática breve, sem cortes e focalizada nos corpos dos artistas, como o vídeo *Marca Registrada* (1975) de Letícia Parente, em que a artista costura na planta do pé a marca Made **in Brasil**, e *Sem Título (Feijão)* (1974) de Sonia Andrade, que mostra a artista tomando uma sopa de feijão e desconstruindo progressivamente esta ação. Nas três artistas o que se faz não parece ensaiado ou cronometrado. O que vemos parece estar ali acontecendo no imprevisto da ação, a partir de gestos que se repetem cotidianamente.